

O EVANGELHO E A JUSTIÇA SOCIAL

Palestra de D. Antônio Fragoso em Belo Horizonte
(Minas Gerais), no dia 22 de janeiro de 1968.

O Evangelho é a Boa Nova da libertação de todos os homens em Cristo. O nome, para os hebreus, significava o mais profundo do ser e da missão de cada um. Pois, foi o próprio Pai que escolheu para o seu Filho este Nome: LIBERTADOR, JESUS.

A LIBERTAÇÃO DO HOMEM EM CRISTO

Jesus é o libertador total de todos os homens e de todos os tempos. Mas, no Antigo Testamento, há muitas figuras do Cristo libertador. A meu ver, uma das mais expressivas é a figura de Moisés. O povo hebreu era um povo de escravos. Marginalizado da vida política, econômica e social do país onde vivia. Era um povo colonizado, vítima do imperialismo atroz de Ramsés II. Salários baixos, trabalhos forçados, discriminação, tudo isso eles vinham conhecendo cada dia da sua vida. E no meio do seu sofrimento, esse povo se voltou para o seu Senhor, para o seu Deus, e pediu o libertador. E Deus foi sensível ao seu clamor. Escolheu Moisés. Mandou que ele fôsse libertar o seu povo. "Eu decidi libertar o meu Povo".

Para mim, aqui se coloca um problema de primeira importância. Era muito fácil para Deus ter dito a Moisés: "Vai, Moisés, para o Egito. Vai ficar no meio do meu povo, vai viver uma vida fraterna com ele. Vai pregar a resignação, uma reforma espiritual da vida, que eles se libertem dos seus pecados. Um dia eles se encontrarão comigo, e serão felizes para sempre". O Senhor podia ter dito isto. Mas ele quis significar, na sua decisão, que não se contenta com a libertação puramente espiritual do homem; ele quer libertação total do homem oprimido: "Vai libertar o meu povo". Moisés é uma figura que faz referência a Cristo, o libertador total. Cristo não veio apenas libertar o homem dos seus pecados. Cristo veio libertar o homem das conseqüências do pecado. As conseqüências do pecado estão na nossa rua, nas nossas casas, nas nossas cidades, no nosso interior; se chama prostituição; se chama discriminação racial; marginalização dos camponeses; falta de estradas; falta de casas de gente para se morar; falta de condições de saúde; dinheiro concentrado em poucas mãos; a terra possuída por um número pequeno, enquanto a grande maioria não tem terra normal para trabalhar; o crédito bancário pôsto à disposição de um grupo, mas não à disposição de todos. Não há democratização do capital e do crédito. A cultura não está a serviço de todos, mas todos têm inteligência.

Cristo é sensível à libertação do homem, à libertação global. Eis o sentido da sua missão: ele é um libertador. Por isso, aqueles que aderem a Cristo e querem segui-lo, nós que nos dizemos cristãos, somos chamados pelo mais profundo de nossa missão de cristãos, a nos engajarmos na luta pela libertação global do homem. Um cristão que se contenta com a sua vida litúrgica, com se reunir na Casa do Senhor para louvá-lo; um cristão que se contenta com sua vida sacramental, que se preocupa só com a purificação espiritual de sua alma, esse cristão não está sendo fiel ao Cristo, está traindo a missão global de Cristo que é libertação inteira do homem e não apenas, exclusivamente, a libertação es-

piritual. Por isso a luta pela justiça é também a luta pelo Reino de Deus. O Evangelho impele e move as consciências de todos os cristãos do mundo a se engajarem, com todos os homens de boa-vontade, para a libertação de todos os homens, sobretudo dos mais pobres e dos mais abandonados.

Somos cristãos? Somos engajados na luta pela justiça? Quem é que está morrendo no front da luta pela justiça: somos nós, cristãos? Ou deixamos que a bandeira da justiça esteja em outras mãos e, por vezes, os julgamos, os condenamos e os excomungamos?

A IMAGEM HUMANA DO SENHOR

O Evangelho, a Boa Nova da libertação total em Cristo, nos apresenta uma outra face da justiça: o homem, cada homem, todo homem se parece com Deus. É uma imagem humana do Senhor. Não sabe respeitar o Senhor Deus, quem não sabe respeitar sua imagem humana. Pode ser o varredor da rua, pode ser o que mora numa favela, pode ser um prêso, pode ser uma vítima da prostituição e do alcoolismo, pode ser comunista ou guerrilheiro; quem não sabe respeitar a imagem do Senhor, a sua imagem humana, não sabe respeitar o Senhor. Quem não respeita o Senhor, na dignidade dos seus filhos, é um blasfemo, mesmo que se diga cristão. Nós respeitamos o Senhor na sua imagem humana? Como é que nós tratamos a empregada doméstica em nossas casas? Nós oferecemos carinho, afeição fraterna, a tantos de nossos irmãos que são marginalizados, que não encontraram o carinho de pai e de mãe? Quando nós sabemos que a polícia brasileira, por vezes, emprega métodos de tortura para arrancar confissões de prisioneiros indefesos, nós nos sentimos atingidos no mais íntimo de nós mesmos? Nós sentimos que Deus está sendo ferido na dignidade de sua imagem humana? Ou só sabemos protestar quando atingem a nossa classe?

Todos os homens do mundo são imagem de Deus Criador. Por isso, todo homem foi feito para criar. O mundo em que o homem vai viver deve ser criado pelo homem, ou re-criado pelo homem. Um Evangelho pregado de tal modo que nos leva à passividade, à resignação, ao conformismo, à aceitação passiva da injustiça, da discriminação, da opressão, do imperialismo, do colonialismo de qualquer tipo que seja: um Evangelho pregado nesse estilo, não é mais o Evangelho de Cristo. A Boa Nova que Cristo, da parte do Pai, anuncia aos homens, é que cada homem, que todos os homens são imagem de Deus Criador; por isso o homem foi feito para dominar o Universo, para ser criador.

Pode ser que o domínio do Universo seja da parte dos russos, da parte daqueles que combatem Deus; mas, toda vez que um homem domina um pouco mais o Universo, é o plano do Pai que se realiza, é a imagem de Deus que se torna mais bela. O homem se torna criador como Deus. Os nossos homens que moram aqui, nas favelas de Belo Horizonte, os nossos camponeses, têm condições de ser criadores? O nosso agricultor tem condições de ser criador, de se unir livremente no seu sindicato, de exprimir em praça pública, livremente, as suas aspirações e as suas reivindicações? Nosso estudante universitário é respeitado no seu direito de proclamar em praça pública o seu pensamento, e de se organizar livremente? Se o homem não é respeitado no seu direito de criar, de dominar o mundo, de se exprimir, de se auto-determinar, então não é mais visivelmente imagem de Deus Criador; Deus não está sendo respeitado na sua imagem humana!

OS BENS CRIADOS PARA TODOS

A Bíblia não se contenta com isto. Como este homem é tão grande, todo o Universo é feito para ele. A destinação primeira da terra e de todos os bens da terra, e de todos os bens de consumo, a destinação primeira não é para um grupo pequeno, mas é para todos, porque todos têm igual dignidade, fundamental dignidade de imagens de Deus Criador. Toda vez que há concentração da terra, na forma de latifúndio; toda vez que há discriminação na posse do dinheiro (todo mundo sabe que a renda por brasileiro é de menos de 300 dólares. Lá no meu Nordeste a renda por cabeça é de menos de 150 dólares. Mas todos nós sabemos que esse dinheiro se encontra concentrado nas mãos dos que têm poder econômico. O que é que fica, de renda, para o camponês? 20 dólares por ano? Este homem não vive, não tem condições de viver), nós estamos diante de uma discriminação contra a dignidade da imagem humana de Deus. Deus fez a terra para todos; mas alguns homens esquecem que são irmãos e concentram o poder econômico nas suas mãos, impedindo os outros de se promoverem, de se realizarem como imagem de Deus Criador.

O cristão pode ser indiferente diante disto? Pode ser que nós, num regime que se diz cristão, não tenhamos coragem de generalizar a posse dos bens de consumo, os meios de produção e a própria terra e que um regime socialista o faça. Quem dos dois estará sendo cristão?

A destinação primeira da terra e dos bens da terra, dos bens de riqueza, é para todos os homens. A propriedade individual, a apropriação individual, vem em segundo plano, e nunca pode contrariar o primeiro, a primeira destinação universal. Por isso, toda vez que há muitas pessoas que ainda não têm aquilo que é essencial para uma vida de "homem", aqueles que têm o necessário e mais uma sobra, não são donos dessa sobra, mas administradores para o bem-comum; e se os administram para o seu uso absoluto e arbitrário, são, permitam-me a palavra, ladrões. Haverá ladrões em Belo Horizonte?

Toda vez que a sobra, o lucro extraordinário, a renda extraordinária, não é aplicada para o bem-comum, nós estamos diante de um desvio desonesto e imoral da destinação universal dos bens, que Deus quer que sejam para todos os seus filhos que têm igual dignidade. Meus amigos, pensaram na força extraordinária deste princípio? Imaginemos só um latifúndio, Eu digo latifúndio, porque em cada quatro trabalhadores rurais brasileiros só um tem a posse da terra. E mais de 62% da área de terra possuída no Brasil está nas mãos de menos de 3% dos habitantes. Concentração injusta, imoral, da posse da terra. Se o governo brasileiro se decidisse a realizar uma reforma agrária, a desapropriação do latifúndio deveria ser acompanhada de indenização? A quem utilizou para o seu uso pessoal, desonestamente, a sobra, a renda extraordinária ou o lucro, e não aplicou para a verdadeira destinação que é o bem-comum, deve-se fazer a indenização? Indeniza-se a quem desviou?

NOSSA DIGNIDADE DE IRMÃOS DE CRISTO

O Evangelho é profundamente exigente, meus irmãos. Mas o Evangelho vai mais longe. Ele nos diz que todo homem e cada homem é identificado com Cristo. Isto é, o que se fizer ao mais pequenino, ao mais fraco, ao mais pobre dos homens, é ao próprio Cristo que se faz. "Foi a mim que o fizestes". Se nós cremos em Cristo, no seu Evangelho, precisamos, consequentemente,

organizar a vida social, econômica e política coerentemente com nossa crença na dignidade fundamental do pobre, do pequeno e do fraco. E quantos são os pobres? Quantos são eles no mundo? Cerca de 30 milhões de pessoas morrem de fome no mundo cada ano. **30 milhões de pessoas morrem de fome no mundo cada ano!!!**

O cristão que luta para ser coerente com a sua fé, tem de se engajar para libertar os irmãos de Cristo. Libertá-los da fome, da doença, da miséria e da opressão. Eu creio que, no sentido ecumênico, aqui está, talvez, um primeiro plano comum de ação. Pelo coração, muitos já estamos unidos no mais fundo da nossa fé em Cristo. A unidade total na fé talvez esteja muito longe ainda. Mas o plano de ação comum de libertação dos irmãos de Cristo, por amor ao próprio Cristo em quem acreditamos, eu creio que se faz para nós um apelo imediato.

Lá em Roma, durante o Concílio, um grupo de bispos se reuniu para discutir o sentido profundo desta expressão "O que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes". Há uma identidade entre Cristo e o pobre, como se Cristo dissesse assim: "O pobre sou eu!"

Para nós, católicos, os nossos teólogos já aprofundaram a identidade entre Cristo e a Eucaristia: "Isto é o meu corpo". Mas a identidade entre o pobre e Cristo, entre o pequeno, o humilhado, o oprimido, o doente, o fraco, o pecador e Cristo, já aprofundamos? Há todo um trabalho de reflexão a fazer neste sentido. E, depois, modificar o nosso comportamento. É claro que esta modificação do comportamento se exige principalmente de nós bispos, padres, religiosos e cristãos. Sobretudo de nós bispos, padres, religiosos e os pobres.

Se nós, bispos, por exemplo, aceitamos que nos tratem com privilégio; que continuem a nos classificar como "senhores feudais", "excelentíssimos senhores", "eminências", residindo num "palácio". Se nós continuamos a ser tratados assim, como homens diferentes, quando nós somos irmãos dos outros, em comunhão com os outros, homem como todos, então nós não somos coerentes. E as nossas terras, as terras da Igreja? São muitas? Não sei. No Ceará, que eu conheço, elas são poucas mas são muito mal aproveitadas. Há muita capacidade ociosa em terras de Igreja. Nós temos a coragem de nos libertar destas terras: para dar acesso, àqueles que não têm terra, ao poder de cultivar com seu suor e de produzir com seu esforço, para serem criadores como Deus?

E nós, religiosos e religiosas, teremos coragem de chegar até o ponto de nos libertar da propriedade de nossos colégios, da administração e direção de nossos colégios, para ser simples servidores da pastoral educacional? Teremos coragem de levar a coerência da nossa fé na identidade entre o pobre e Cristo, até essas alturas? Basta que nós demos o testemunho individual e invisível de pobreza, para que os pobres vejam que nós cremos neles e na sua identidade com Cristo?

Estava conversando há pouco tempo com meu amigo, o pastor que me saudou, sobre a experiência da comunidade de Taizé, na França. O que fizeram o pastor e a sua comunidade de cristãos não católicos, desde o começo foi uma profissão visível de pobreza alegre, não somente individual mas coletiva. É a própria comunidade que não quer posse de bens. E ele me dizia: "estou pensando em me retirar de Taizé, porque nós já temos uma propriedadezinha, uma pequena casa, discreta, onde nós moramos".

Nós temos coragem de chegar até essa coerência? Se nós, bispos, padres, religiosos e religiosas, não formos coerentes na ação pastoral, na ação educacional, com fé na identidade entre Cristo e os pobres, então desistamos de professar o Evangelho, de anunciar o Evangelho. Nós não teremos autoridade moral para fazer denúncia profética no Brasil.

DESENVOLVIMENTO: NOME NÔVO DA CARIDADE

Depois de estudarmos esta coerência do nosso comportamento pastoral, vimos que os cristãos leigos são chamados, se acreditam que Cristo é idêntico com os mais pobres, os mais fracos e os mais pequeninos, a se engajarem na linha de frente do desenvolvimento.

Numa carta pessoal feita ao Cardeal Duval, da Argélia, para o Congresso Mundial da Caritas, Paulo VI dizia, êste ano passado: "o nôvo nome da caridade, o nome moderno da caridade é desenvolvimento". Se os cristãos querem ser cristãos, a marca para os conhecer não é a liturgia, não é a missa, não são os sacramentos. "Todos conhecerão que sois cristãos, se vos amardes uns aos outros como eu vos amei", até o sacrifício. Esta é a marca. Pois, o amor fraterno tem nome moderno: DESENVOLVIMENTO. Então a nossa fé na identidade entre Cristo e os pobres nos leva a lutar pela justiça no desenvolvimento. Estamos conscientes disto? Os cristãos são bastante autênticos, na primeira linha do desenvolvimento? Ou nós mesmos condenamos e excomulgamos cristãos de primeira linha, que estão engajados na luta do desenvolvimento, considerando-os subversivos, agitadores ou de esquerda? Eu me lembro de 64. Eu me lembro que tantos rapazes e môças que vieram da JUC, que estavam engajados no Movimento de Educação de Base, na Cultura Popular, no treinamento das lideranças populares (camponeses e trabalhadores), foram atingidos diretamente na sua ação, em nome do combate ao comunismo e à corrupção. Nós tivemos a coragem de proclamar que êles estavam lutando pela justiça, pelo desenvolvimento, na linha de frente, coerentes com a sua fé?

LITURGIA E JUSTIÇA SOCIAL

Para nós, católicos, a exigência do Evangelho vai mais longe. A nossa liturgia, a nossa Missa, pode ser uma pregação de ateísmo se nós somos indiferentes à justiça social. Nós podemos, pela Missa, pelos sacramentos e pela liturgia, pregar o ateísmo, se nós não fôrmos sensíveis às exigências da justiça social. Aquêles que nos vêem reunidos na casa comum que é a Igreja, que nos vêem reunidos na Missa, nos sacramentos, nos vêem, também, reunidos, de mãos dadas até o sacrifício, na luta pela justiça, para que todos os nossos irmãos sejam libertos? A alegria e a esperança dos pobres, dos fracos, dos pequenos é a nossa alegria e a nossa esperança? "Gaudium et Spes" é um texto do Concílio para a Igreja no Mundo de Hoje: "Alegria e Esperança".

CRISTÃO, HOMEM DA ESPERANÇA

Meus irmãos, nem todo o mundo tem fé, por isso, nem todo o mundo pode ler os sinais que exigem a fé, mas todos podem ler os sinais que falam ao mais fundo da esperança humana, à esperança de libertação. Se nós, cristãos, estamos unidos no front da justiça, em primeira linha, audaciosamente, sem medo de ninguém nem de nada, então nós damos um sinal que todos podem

ler, sobretudo os pobres, os fracos e os oprimidos. Então eles descobrirão a face do Cristo, a face da misericórdia de Deus. Eles descobrirão a Boa-Nova da libertação total. O ponto de partida é o sinal visível: a luta pela justiça. Temos coragem de fazê-lo? Por isso o cristão deve ser, se for fiel ao Evangelho, o homem da esperança. O homem da esperança é um homem que não recua. Por que é que a gente teria medo das Forças armadas brasileiras, e da DOPS? Por que é que a gente teria medo que nos chamassem de subversivos? Tenhamos medo de trair o Evangelho, de trair a justiça social, de trair a confiança de nossos irmãos. Não tenhamos medo de ser chamados de subversivos, se a consciência nos diz que nós estamos procurando subverter uma desordem moral que aí está.

Muito rápido, assim, como depoimento, de maneira, talvez não muito sintética e não muito travada entre si, eu procurei apresentar um Evangelho que conduz, que move, que induz para a luta pela justiça. Um cristão que não luta pela justiça é um cristão medíocre, é uma deformação da imagem de Deus Criador, e da bondade do Pai, e da misericórdia do Filho.

NORDESTE E DESENVOLVIMENTO

E se nós colocarmos tudo isto que apresentei nas terras do Nordeste, como é que se apresenta lá?

O Nordeste já tem muitos sinais de uma presença do homem para sua libertação. Eu lembro a CHESF (Companhia Hidro-elétrica de São Francisco). Há mais de 450 cidades eletrificadas. Há mais de 700 km de linha de alta tensão, levando energia de Paulo Afonso a Fortaleza. Há mais de 2 mil poços escavados em cidades pequenas e médias do interior; e a SUDENE teria obtido um empréstimo do BID para escavar mais 3 mil poços. Está sendo feita uma pesquisa de água do subsolo do Piauí, onde se diz que é muito abundante. A barragem de Boa-Esperança, que detém as águas do Rio Parnaíba, terá capacidade global de 5 bilhões de metros cúbicos de volume, e vai produzir, em outubro talvez, se o governo liberar a verba fundamental que prometeu em Recife, vai produzir 108 mil kw; vai-se fazer a eletrificação do Estado do Piauí, do Estado do Maranhão e de uma área do Estado do Ceará. Eletrificação é infra-estrutura, oferecendo oportunidades para investimento e indústria. Mais de um trilhão de cruzeiros antigos já foram investidos em projetos industriais. Mais de 60 mil emprêgos novos foram oferecidos como oportunidade aos nordestinos. Algumas rodovias fundamentais estão sendo pavimentadas e mesmo asfaltadas.

Podemos dizer que alguns sinais, algumas pistas de esperança estão sendo abertas para o homem nordestino. Mas, perguntamos: Há mesmo esperança de desenvolvimento? Embora leigo no assunto, eu acredito que o Nordeste está caminhando para o subdesenvolvimento cumulativo, que o subdesenvolvimento no Nordeste se desenvolve cada vez mais. Vamos verificar isto. A eletrificação rural está sendo pensada? Sim, em pequeninas áreas, atingindo apenas aquelas que já têm a posse de grandes terras. Todos os investimentos da indústria, do artigo 34/18 através da SUDENE, principalmente beneficiarão aqueles que já têm o poder econômico na mão. Isto nos levará, talvez, à concentração do capital; nos levará, talvez, a uma distância social maior entre a grande massa dos pobres, sub-empregados ou desempregados, e aqueles que têm poder econômico e que vão crescer vertiginosamente.

Quem foi que pensou num plano de governo para a capacitação dos camponeses marginalizados, do homem da cana de açúcar, para que ele se integre, consciente e ativamente, no desenvolvimento? Quem está pensando, seriamente, num plano de conscientização e num plano de politização do camponês analfabeto para que ele participe na luta comum pela justiça e pela libertação do Nordeste? O que eu sei é que o Movimento de Educação de Base está quase à morte. Durante um ano, o governo brasileiro se comprometeu a liberar 2 bilhões de cruzeiros para permitir a conscientização, a educação de base de 70 mil camponeses adultos. Liberou, um ano depois, ou quatro meses depois, 800 mil e, agora, foram entregues apenas 400 mil, que não permitiram cobrir os salários para os quadros de supervisão existentes até o mês de dezembro. Enquanto isto, ele assinou com a Cruzada ABC um convênio para a alfabetização de 2 milhões de nordestinos. A Cruzada ABC poderia ser a grande cruzada libertadora, mas ela está sendo, de fato, um colonialismo cultural. A sua cartilha não foi feita à base de um levantamento do universo vocabular do homem do campo da minha terra. Foi feita com padrões culturais e moldes culturais transferidos. Isto é um desrespeito à nossa dignidade de nordestinos, que precisamos nos exprimir com nossa própria cultura e nos promover com nossos próprios meios.

E, agora, se anuncia, em termos de Brasil, um plano nacional de educação. Como será este plano? Só sei que o novo decreto que regulamenta o Conselho Nacional de Segurança, o Super-Ministério, leva mais ou menos a esta consequência: o general, secretário-geral do CNS, é um super-ministro. Em cada Ministério, há um departamento de segurança, e este departamento é diretamente subordinado ao Conselho de Segurança, que tem como presidente o próprio Presidente da República. Só pode ter a presidência ou a direção do departamento em cada Ministério um oficial das forças armadas ou um civil que fez a Escola Superior de Guerra. E a Escola Superior de Guerra, todo o mundo sabe, mesmo tendo um alto nível de cultura, é, ideologicamente, alinhada. E, mais ainda, na competência do Conselho Nacional de Segurança está acompanhar e controlar os acordos internacionais, inclusive os acordos de educação. Então quem se opuser em praça pública a um acordo homologado pelo CNS (suponhamos a um novo MEC-USAID), está incorrendo, naturalmente, num crime contra a segurança nacional. Não será mais julgado pela justiça civil, mas pela justiça militar.

Então, este novo plano é mesmo a pista de esperança para a libertação do meu irmão nordestino? Todos sabem que mais de 100 mil homens da cana-de-açúcar foram desempregados lá no meu Nordeste? E como esta massa é explosiva e perigosa, fizeram um plano de enquadramento, chamado GERAN que diretamente vai permitir o desenvolvimento econômico dos usineiros e vai enquadrar em pequenas unidades, vigiadas, os 80 mil camponeses duma área de Pernambuco. E pelo COPTO, a mocidade da cana-de-açúcar vai receber um treinamento profissional, não de acordo com as exigências da realidade do desenvolvimento nordestino, mas também alinhado ideologicamente.

Qual é a pista de esperança que se abre? É mesmo desenvolvimento que virá daqui a pouco no Nordeste, ou será um crescimento econômico concentrado em poucas mãos, criando maior injustiça social e maior discriminação? E nós, cristãos, ficaremos calados? Seremos coniventes com essa situação? Homologaremos esse plano de ação? Ou exerceremos audaciosamente a denúncia profética em nome da missão que o Evangelho nos confia? É arriscado ser

profeta no mundo de hoje. Todo o povo de Deus é profético. Teremos coragem de assumir essa nossa missão profética?

A REGIÃO DE CRATEÚS

E lá no meu Crateús? Crateús é uma pequena área de 22 mil km², 250 mil habitantes. Há 12% só na zona urbana: 88% de camponeses; 70% dos adultos são analfabetos. No município de Parambu são 90% dos adultos camponeses analfabetos. Há 65% de crianças em idade escolar que não têm possibilidade de escola. O deficit de salas de aula é de 85%. Uma professora municipal ainda ganha uma média de NC\$ 10,00 por mês. Eu vi os agricultores produzirem feijão e milho. Antes da safra, quando eles tinham que comprar com seu suor, era de NCr\$ 26,00 a quarta, a nossa medida lá. Mas, quando eles produziram e tiveram forçosamente de colocar no mercado, baixou para NCr\$ 8,00 a quarta. De 26 para 8! Mas com esses NCr\$ 8,00 do seu suor, eles tinham que comprar o produto manufaturado que lhes vinha da grande cidade, e que quase sempre é o dôbro da grande cidade; e o produto de farmácia é quase sempre 3 ou 4 vezes o preço da grande cidade; a gasolina, um litro de gasolina que compramos em Crateús é bem mais caro do que em Fortaleza.

Por que, meus amigos, essa discriminação? Lá eu vi a procissão permanente de crianças que se enterram antes de um ano de idade. Há um único hospital, para uma área de 300 mil habitantes; um hospital de 30 leitos. E não é civil, mas militar.

Na Carta de Brasília, que os senhores devem conhecer melhor do que eu, que se dizia Carta da Redenção do Agricultor Nacional, se oferece a todos os agricultores do Brasil assistência médico-hospitalar gratuita. É interessante a gente pensar nisto. Lá na minha área de Crateús, 7 municípios, com 200 mil habitantes, estão vinculados a um hospitalzinho com 30 leitos, sem equipamento. Está-se oferecendo, mesmo, assistência médico-hospitalar? Isso se chama "Carta da Redenção do Agricultor Nacional"? E foram consultados os meus agricultores, os agricultores da minha terra, para se fazer a Carta de Brasília? Dizia João XXIII, na "Mater et Magistra", que os primeiros agentes da própria promoção são os interessados. Os agricultores são os principais agentes da sua promoção. E por que eles, os primeiros interessados, não foram ouvidos para se fazer a Carta de Brasília? Chama-se "verticalismo paternalista" quando um governo, para ser bonzinho, assume a função de pensar pelos outros, de optar pelos outros, lhes oferece, de mãos dadas, verticalmente, gratuitamente, uma "Carta de Redenção". Nós não precisamos de "redenção paternalista", precisamos que dêem condições para que se libertem do seu desenvolvimento, com seu próprio esforço unido, aqueles que hoje estão abandonados.

PRIMEIRAS LINHAS DE AÇÃO EM CRATEÚS

Por isso, na diocese de Crateús, tentando, em condições muito humildades e modestas, ser coerentes com esta convicção e com esta fé no Evangelho, começamos estimulando os camponeses para que eles se unam e tomem consciência de que são gente; tão gente, quanto meu pai e a minha mãe; tão gente, quanto o Presidente da República. Igual dignidade fundamental: imagem de Deus Criador, como êle, com os mesmos direitos de homem como

êle. Será democracia, uma "democracia" em que não se oferece oportunidade para todos que têm igual dignidade? É preciso que tomem consciência disto. O primeiro esforço lá é conscientizar e politizar o camponês. A própria palavra "conscientizar" é uma palavra perigosa. Eu me lembro, uma vez, num interrogatório, em que se dizia: "mas o Senhor tem a coragem de usar essa palavra? Pois aqui mesmo se sentou o médico fulano de tal, e a médica fulana de tal, que são do Partido Comunista, e que falaram em "conscientizar".

"Conscientizar" é uma palavra subversiva ou é uma palavra humana? Um grande brasileiro (nós nos demos ao luxo de exportar os grandes brasileiros. Só para os EE.UU., que concentram hoje os cérebros técnicos do mundo, nós exportamos 90 grandes professores e técnicos. O pobre enriquece o rico! Nós exportamos mais de 260 grandes professores e técnicos a partir de 1964), um desses grandes brasileiros se chama Paulo Freire. E Paulo Freire, que o episcopado chileno pediu para assessorá-lo na evangelização realista do homem chileno, dizia que: conscientizar um homem é lhe dar uma consciência crítica capaz de apanhar as contradições do regime que o envolve, e julgá-lo, e de decidir por si, de autodeterminar-se. Despertar nêle uma consciência crítica e autodeterminação, isso é conscientizá-lo. Essa conscientização é uma exigência da justiça social. Por isso ela é evangélica, ao meu ver.

A primeira tarefa, lá para o meu mundo, seria: conscientização e politização dos camponeses. Depois, estreitar a sua solidariedade fraterna, nas pequenas comunidades humanas, onde êles encontram o apoio do calor fraterno: o desenvolvimento de comunidades. Lá êles começam a se reunir e discutir os seus problemas. Suscitam as lideranças. As lideranças animam o desenvolvimento e a marcha das comunidades. Elaboram pequenos projetos, e, com seus próprios recursos somados, realizam seu projeto. E êste pequeno projeto é a democracia que começou.

Estou me lembrando de um pequeno depoimento que eu dei na minha terra: nesta cidade de Crateus começou o governo em 1958, na grande sêca de 58, a fazer uma estrada central, muito necessária. Mas chegou a uma grande pedra, no centro, e o governo parou. E nem governo, nem prefeito, nem 4.º Batalhão de Engenharia e Construção, que lá está sediado, teve condições de enfrentar essa pedra. E um dia uns homens, moradores de bairro, que estão sendo conscientizados para se unirem em projeto para o bem-comum, se uniram e deram lá uns 950 dias de trabalho com seu próprio suor somado e fizeram a estrada. No dia da inauguração convidaram o prefeito, o comandante do 4.º Batalhão, o juiz e a mim. Eu tive que fazer um depoimento: "Quando vocês se reúnem e elaboram um projeto destes, para o bem-comum, vocês estão realizando a democracia no Brasil. Mas, quando o Presidente da República impõe, dentro de 30 dias, a votação apressada de uma Constituição, nós temos uma imposição ditatorial no Brasil".

Meus irmãos, lá nós estamos começando, em tentativa discreta, a construir a democracia, através de pequenas comunidades que elaboram seus projetos e os realizam. Ontem, cada um apelava para o prefeito: Quem vai fazer a escola? É o prefeito! Quem vai falar com o prefeito? É o chefe político local! Quem é o chefe político local? Quem tem o poder da terra, que domina o resto, que compra o colégio eleitoral e oferece garantias ao governo! Quem é que vai trazer o delegado de polícia e a polícia para lá? O chefe local! Quem vai afastar a professora que votou contra o governo? O chefe local! Quem vai influir na justiça? O chefe local! É preciso escapar, libertar-se da pressão

Junho de 1968

suplemento

dêste homem. E elaborando seus projetos, com suas próprias lideranças, sem recorrer ao prefeito, nem ao vereador, nem ao deputado, êle começa a libertar-se. E quando êle estiver adulto e liberto, êle vai exigir justiça e respeito às suas reivindicações da parte das autoridades constituídas.

E, um terceiro momento, é a educação cooperativista, para que êle possa chegar a um poder aquisitivo mínimo. Pois, o regime capitalista, ou subcapitalista que nós temos lá, é mais ou menos um regime do século passado. Não temos ainda nem o néo-capitalismo. O regime capitalista não deixa vez para os pequenos e os pobres.

Mas, a legislação cooperativista brasileira, que é de tipo político, condiciona o desenvolvimento, o poder aquisitivo. Então há uma estrutura política, social, econômica e jurídica que não permite o desenvolvimento. É inútil querer o desenvolvimento se não se modifica essa estrutura fundamental, que é estrutura discriminatória. Quem vai modificá-la? Esperamos que seja o governo sozinho? Que sejam os legisladores? Quem elege a maioria dos legisladores? Não são os que têm o poder econômico? Os que têm o poder da terra? Não são êles que têm os colégios eleitorais? E como é que êsses homens comprometidos vão fazer uma legislação capaz de modificar uma estrutura democratizando a cultura, a terra e os bens de riqueza e o capital?

Quem, quem vai pensar nisto? É preciso que os nossos camponeses e os nossos operários, não êles sozinhos, mas êles também, e eu digo, principalmente êles, porque são a maioria e são os mais pobres; que êles se conscientizem, se organizem profissionalmente, e sejam um grande front popular de pressão. Eu não disse de luta armada.

Podê ser que a luta armada seja necessária. Quando ela é necessária, ela pode ser evangélica. Mas eu não digo que essa seja a situação brasileira. Não me compete a mim decidir êsse ponto. O bispo é paraquedista em questão de política. São os cidadãos adultos que decidirão dos destinos políticos do país. Mas eu digo que os nossos camponeses devem ser uma força de pressão para modificar as estruturas fundamentais do país. É nesse sentido que a promoção humana se começa a fazer no meu Crateus; e se começa a fazer em nome do Evangelho, porque o Evangelho traz exigência profunda de justiça.

LUTA PELA JUSTIÇA E SUBVERSÃO

É por fidelidade a Cristo e ao seu Evangelho que se luta pela justiça lá na minha terra. Por isso, eu não aceito que me cataloguem como subversivo. Ou é má fé — e eu não quero dizer que há gente de má fé por êsse Brasil a fora —, ou é ignorância — “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que estão dizendo” — ou então o que é que é: será compromisso?

Chamar a luta pela justiça de subversiva é fazer o jôgo aberto da explosão social de amanhã, e da luta comunista no Brasil. Aquêles que catalogam os defensores da justiça como comunistas estão lutando para implantar um regime subversivo no Brasil. Por que? Porque os pobres não têm esperança em quem ainda tem o poder econômico. E os pobres são a maioria. Os camponeses são a maioria. Êles têm esperança em quem luta pela justiça. Se é chamado subversivo, quem luta pela justiça, então o subversivo é a esperança para êles. Êles vão amanhã fazer a luta pela justiça. Êles vão ficar ao lado da subversão? Está-se, dêste modo, entregando a bandeira da libertação e a bandeira da justiça em mãos estranhas.